

A PRESENÇA DE LOURENÇO FILHO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL BRASILEIRA DOS ANOS 1950: TRABALHOS MANUAIS E PSICOLOGIA DA APRENDIZAGEM

José Geraldo Pedrosa¹, Flávia Oliveira Duenhas²

RESUMO: Esse artigo é do âmbito história da educação profissional e focaliza a presença do intelectual brasileiro Manuel Bergstron Lourenço Filho no ensino industrial, em atividades no Senai em 1952. O documento pesquisado é um escrito de Lourenço Filho intitulado "Psicologia dos Trabalhos Manuais". A análise deste documento revelou correspondências entre o pensamento de Lourenço Filho e as referências estrangeiras da psicologia que ele fez circular em elaborações sobre a aprendizagem profissional. Em um momento de industrialização e crescimento econômico no Brasil, vivia-se uma necessidade de formar o profissional para atuar neste novo cenário. Como um dos responsáveis pela circulação de ideias escolanovistas no país, Lourenço Filho dedicou-se a orientar a formação de professores para a prática em sala de aula e para o domínio das competências profissionais e ainda para promover a articulação entre a psicologia da aprendizagem, o ensino profissional e a pedagogia dos trabalhos manuais.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino profissional; Psicologia da aprendizagem; Escola Nova.

INTRODUÇÃO

Esse artigo é do âmbito da história dos intelectuais pensadores da educação profissional no Brasil. De modo particular focaliza a presença de Manuel Bergstron Lourenço Filho no ensino industrial, no início dos anos 1950, quando atuou na formação de professores de cultura técnica difundindo a pedagogia dos trabalhos manuais.

A partir do final dos anos 1920 a educação profissional brasileira, tendo o ensino industrial como vanguarda, começou a ser pensada por engenheiros-intelectuais procedentes de escolas de engenharia que funcionavam como lugares de sociabilidade e de circulação do pensamento industrialista. Entre esses engenheiros-intelectuais estavam Roberto Simonsen e Roberto Mange, que atuavam na Esco-

la Politécnica de São Paulo; Rodolfo Fuchs e João Luderitz, da Escola de Engenharia de Porto Alegre; Euvaldo Lodi e Américo Gianetti (Escola de Minas de Outro Preto), além de Francisco Montojos e Celso Suckow da Fonseca. Três outros intelectuais estão nesse rol de pensadores da educação profissional da época: Anísio Teixeira, Joaquim Faria Góes Filho e Lourenço Filho, que vinham das Ciências Jurídicas e Sociais. Anísio Teixeira convivia com alguns intelectuais desse círculo, mas não tinha conexões diretas com a educação profissional, embora atuasse pela aproximação da educação com o mundo do trabalho, defendesse a presença da oficina nas escolas regulares e a integração dos ensinos secundário e técnico.

A despeito da graduação em Ciências Ju-

¹ José Geraldo Pedrosa, CEFET - MG, jgpedrosa@uol.com.br

² Flávia Oliveira Duenhas, CEFET - MG, flaviaduenhas@yahoo.com.br

rídicas, Lourenço Filho era um intelectual da educação cujo pensamento e ação combinavam dois temas: psicologia da aprendizagem e formação de professores. Seus lugares de formação foram os cursos Normal, onde foi aluno, professor e diretor. Em 1912, aos 15 anos de idade, Lourenço Filho iniciou o primeiro ano da Escola Normal Primária em Pirassununga e, no ano seguinte, começou a atuar como professor. Em 1915 mudou-se para São Paulo para estudar na Escola Normal da Praça da República, ocasião em que conviveu com o experiente educador Sampaio Dória. Além dessa afinidade com a psicologia da aprendizagem e com a formação de professores, outra peculiaridade de Lourenço Filho em relação aos intelectuais da geração de 1920 era a sua origem operária e descendência de imigrantes europeus. Sua mãe era sueca e seu pai era um carpinteiro de ofício, de origem portuguesa, que chegou ao Brasil junto com a República, em 1889. Foi no Brasil que se conheceram, se casaram e constituíram família com oito filhos, sendo Lourenço o mais velho.

No *Dicionário de autores paulistas* (1954), Melo caracteriza Lourenço Filho como “pedagogo, sociólogo, crítico, ensaísta, biógrafo, cronista, historiador, jornalista”. Isso significa que, num ambiente de pensadores da educação profissional dominado por engenheiros industrialistas, Lourenço Filho era o único formador de professores e porta voz da aprendizagem. Participou intensamente do processo constituinte da nova educação profissional brasileira, de 1934 a 1941, período em que foram concebidos o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial e as Escolas Industriais e Técnicas, sendo estas responsáveis pela introdução no Brasil da formação profissional em nível secundário.

Na década de 1920, quando Lourenço Filho e toda a geração nascida com a República chega à maturidade, o cenário brasileiro era de transição e nele repercutiam as transformações trazidas pela Primeira Guerra Mundial com reflexos econômicos

no aumento da produção industrial e no surgimento dos movimentos operários, bem como na criação do Partido Comunista do Brasil. Neste mesmo momento vão se destacar os expoentes da “geração de 1920”, uma geração construtora na qual se inclui Lourenço Filho, que estava empenhada em superar a formação social saturada de tensões e conflitos e que deixou marcas na cultura brasileira. Essa geração de intelectuais tinha como ponto chave a educação pública como uma via para modernização do país. Importantes reformas educacionais nas unidades da federação tiveram início, precedidas pela Reforma Sampaio Dória de 1920, em São Paulo. Lourenço Filho, professor de psicologia em Piracicaba e partidário das ideias de Dória, foi enviado em 1922 ao Ceará para dirigir a reforma educacional, a pedido do presidente Justiniano de Serpa. Nesta época Lourenço Filho já se inspirava nos ideais da escola nova no Brasil.

Lourenço Filho pertencia a uma geração de intelectuais brasileiros que presenciaram os anos finais da fase progressista da anglo-americanidade. Intelectuais que atuaram dos anos 1920 em diante, no ambiente do iluminismo brasileiro: Semana de Arte Moderna, movimento pela escola nova, Estado Novo etc.. Intelectuais que descobriram os Estados Unidos da América (EUA), para lá realizaram viagens técnicas, culturais, científicas e pedagógicas, se apropriaram de ideias e as fizeram circular no Brasil. Além dos já citados, essa geração de intelectuais inclui também Monteiro Lobato.

Lourenço Filho era amigo particular de Anísio Teixeira e foi este quem lhe despertou o interesse pelas novidades anglo-americanas. Teixeira foi pioneiro nessas viagens pedagógicas aos EUA. Fez isso em 1927 e em 1928-29, quando cursou mestrado na Columbia, com John Dewey. Teixeira fez intensa e extensa circulação das ideias de Dewey no Brasil: traduziu, escreveu e publicou súmulas teóricas, livros e artigos, fez palestras e várias outras ações.

Lourenço filho permaneceu nos EUA em companhia de Delgado de Carvalho e Carneiro Leão durante os três primeiros meses de 1935, em viagem pedagógica. Nos EUA foi aos Congressos Anual e Nacional de Educação em Atlantic City e New Jersey. (MONARCHA e RUY LOURENÇO FILHO, 2001). Participou de aulas, teve encontros e conversas técnicas e realizou observações e durante o mês que passou em Nova York em atividades junto aos professores do Teachers College. (WARDE, 2003). Produziu relatos que foram enviados ao seu chefe Anísio Teixeira detalhando o que estava compreendendo daquele momento anglo-americano como o regime social e a filosofia de vida, a cultura do individualismo, a especialização precoce, o capitalismo, além da economia dirigida que conduzia à centralização. Em termos educacionais observou que havia a ideia do controle estatal em relação às taxas para melhor distribuição de fundos, mas também que havia uma longa distância, na maioria das escolas, entre as teorias educacionais e a prática e, ainda, que as escolas estavam cuidando de formar os professores com maior cultura geral, além do aprendizado técnico. (WARDE, 2003). Nessa época (1927-1931) Monteiro Lobato também estava nos EUA como adido comercial do Brasil. Lobato (1950) publicou em 1929 o livro *América: os Estados Unidos de 1929*, uma crítica ao atraso do Brasil em relação aos EUA e uma apologia aos EUA.

Desde os anos 1930 Lourenço Filho já tinha relações com a educação profissional mas é no final dos anos 1940 e início dos anos 1950 que ele se aproxima dos ensinos comercial e industrial fazendo intervenções na formação de professores com as teorias da aprendizagem e com a pedagogia dos trabalhos manuais. Em 1949 e em 1952 Lourenço Filho fez palestras e elaborou textos específicos para esse fim. Para o ensino comercial escreveu um parecer solicitado pelo Senac, intitulado "Conceito de aprendizagem - Definição de

aprendizagem comercial - Semelhanças entre aprendizagem no comércio e na indústria". Para o ensino industrial escreveu "Psicologia dos trabalhos manuais".

O presente artigo focaliza especialmente o texto de 1952, destinado ao ensino industrial. Uma meta é trazer à tona a circulação de ideias escolanovistas na educação profissional por meio da atuação de Lourenço Filho. Nesse período a educação profissional brasileira estava se instituindo como sistema nacional e colocando em sua agenda a formação de docentes de cultura técnica. Face a isso, outra meta do artigo é elucidar o modo como a formação da docência para a educação profissional era abordada por Lourenço Filho e indicar afinidades com ideias originárias dos EUA em sua fase progressista.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa que deu origem ao artigo é do campo da história da educação profissional, particularmente da história dos intelectuais pensadores da educação profissional e foi realizada em fontes documentais primárias. O principal documento pesquisado é um escrito de Lourenço Filho do ano de 1952, intitulado "Psicologia dos Trabalhos Manuais" e disponível no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) - FGV, no Rio de Janeiro, no arquivo "Lourenço Filho" sob o número 1952.12.04. Consta apenas de que o texto foi publicado no ano de sua redação. Também foi pesquisado o livro "A escola ativa e os trabalhos manuais", publicado em 1929 por Corinto da Fonseca e prefaciado por Lourenço Filho. Como referências de método a abordagem apreende Lourenço Filho como intelectual (SIRINELLI, 1996), indicando sua geração, seus círculos e lugares de sociabilidade. Além dessa referência, os escritos de Lourenço Filho são examinados buscando neles apropriação e circulação de ideias (CHARTIER, 1997).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

I - A circulação de ideias escolanovistas no Senai

No tempo aqui focalizado (1952) o Brasil vivia a instituição de dois sistemas nacionais de educação, sendo um de ensino regular e outro de educação profissional. Dois sistemas paralelos, com fontes de financiamento, instituições e práticas distintas e voltadas para fins e públicos distintos. O movimento pela escola nova, no Brasil, focalizava a educação regular, mas havia intelectuais que circulavam nos dois sistemas de educação e outros que, mesmo atuando em apenas um desses sistemas, dialogavam sobre pontos comuns.

Três intelectuais brasileiros se empenharam em fazer as ideias de renovação da escola circular na educação profissional: Roberto Mange, Francisco Montojos e Lourenço Filho. Entre os três apenas Mange não foi signatário do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, de 1932, e o motivo era burocrático: Mange era Suíço e ainda não tinha cidadania brasileira. Apesar de não ter assinado o Manifesto, Mange frequentava os círculos escolanovistas e era um intelectual da geração escola nova.

Em sua fundação, em 1942, Mange se empenhou em incorporar ao Senai a cultura institucional em que a disciplina, a ordem, a higiene seriam mecanismos para se alcançar um alto conceito educativo social dentre os aprendizes. Mange apontava a compatibilidade entre formação técnica e a denominada "educação integral do indivíduo". Para ele a técnica tinha caráter utilitário, devido ao rigor da racionalidade e da rapidez destoando do conceito espiritualista da "educação integral". (BOLOGNA, 1980).

Dessa maneira, o problema de aprendizagem dos industriários não se limitava ao trabalho, à técnica e às habilidades manuais e tinha preocupações com a valorização total do operário, isto é, com a "Educação integral" tão almejada por Mange,

que pode ser definida como "cultura geral e profissional em torno de uma sadia personalidade". (MANGE apud BOLOGNA, 1980, p. 215).

Já a presença de Lourenço Filho na educação profissional em 1952 ocorre por duas vias. A primeira é a psicologia, até então ausente na educação profissional brasileira. Pela psicologia Lourenço Filho traz para a educação profissional as questões da aprendizagem. A segunda via de entrada de Lourenço Filho está relacionada a outra demanda da época e que tem relação com a formação de professores de oficina ou de cultura técnica. Desde 1942, com as leis orgânicas do ensino industrial e do ensino comercial e também com a criação do Senai, das escolas técnicas e do Senac, os fins da educação profissional estavam delineados, embora houvesse disputas. Tratava-se de formar o trabalhador urbano, apto ao comando da gerência, ao organograma e ao padrão dos tempos e movimentos. A questão é que as instituições de educação profissional da época não dispunham e nem dominavam técnicas de escolarização do trabalho e nem havia uma didática associada à docência em oficinas. Havia uma demanda posta referente a como fazer educação profissional e Lourenço Filho traz para essa lacuna a pedagogia dos trabalhos manuais com ancoragem na psicologia da aprendizagem.

Francisco Montojos, conviva de Lourenço Filho nos círculos de sociabilidade do Ministério da Educação e Saúde Pública, da Associação Brasileira de Educação, atuou por dois mandatos como presidente da Comissão Brasileiro-Americana de Educação Industrial (Cbai). A Cbai atuou de 1946 a 1963 com a tarefa de transformar instrutores em professores da educação profissional. Na perspectiva de Montojos o docente de cultura técnica tinha que ter o domínio da técnica ou do ofício a ser ensinado, a didática adequada ao ensino daquela técnica ou ofício, e entendimento da aprendizagem individual para que possa conduzir, por ela e para ela, o ensino. Nos

anos iniciais do Senai a prática adotada foi a de contratar como instrutores os bons operadores, numa falsa expectativa de que os bons profissionais do saber-fazer seriam igualmente bons profissionais do saber-ensinar ou na condução da aprendizagem. Com o reconhecido fracasso dessa iniciativa, a educação profissional trouxe para si o problema da formação de professores e de uma cultura da docência técnica ou da docência em oficinas. Era isso que a educação profissional esperava de Lourenço Filho: contribuições no tocante à formação docente e sobre como fazer educação profissional.

II O significado de trabalhos manuais

Corinto da Fonseca, outro conviva, publicou em 1929, com prefácio de Lourenço Filho, o livro "A escola ativa e os trabalhos manuais". Ao longo do livro Fonseca faz várias referências a Lourenço Filho e, numa delas, aparece uma definição do significado de trabalhos manuais. Nos termos da definição os trabalhos manuais são aqueles em que se emprega o uso das mãos para transformar materiais diversos em objetos e bens. Mas não se trata apenas de aplicar as mãos na realização de uma tarefa, mas de se "chegar à formação do espírito pela ação". (LOURENÇO FILHO apud FONSECA, 1929, p. 6). Os trabalhos manuais são aqueles que se empregam na transformação de materiais diversos em objetos e bens, não são o simples aplicar das mãos, mas sim o seu emprego a serviço do pensamento: "Não basta empregá-las [as mãos] para copiar: é preciso empregá-las para criar, para adaptar-se, para realizar o que se deseja e na medida do que se deseja". (LOURENÇO FILHO apud FONSECA, 1929, p. 7). Considerando os

preceitos da escola nova, Fonseca (1929, p. 7) aponta que "[...] pelo seu conceito mais moderno, a educação é um treino para a vida e, sendo a vida movimento, dinamismo, realização, os efeitos visados por ela só podem ser dinâmicos [...]", ou seja, os trabalhos manuais seriam o meio capaz de integrar a fisiologia educativa com a prática e o hábito de realizar.

A primeira face dos trabalhos manuais é externa, perceptível e demonstra o domínio dos diversos materiais e técnicas por quem os realiza, resultando em objetos e bens finais.

Utilizando coisas aparentemente inúteis a outros olhos e a outras mãos, soubestes transformá-las em instrumentos prestados, em objetos elegantes senão já em verdadeiras obras de arte. Tudo revela que aprendestes a criar um pouco de riqueza, pois aquelas coisas de pouca valia assim se transmudaram em obras de preço, que a todos despertam justificado interesse e admiração. Sabeis produzir, e isso é importante. Compreendestes como o trabalho acrescenta e multiplica os bens, e isso não o será menos. (LOURENÇO FILHO, 1952, p. 1).

A segunda face dos trabalhos manuais é interna a quem realiza o trabalho, não produz efeitos aos olhos dos observadores, mas produz resultados a quem os realiza. Trata-se do "trabalho que os trabalhos manuais, tal como dêste curso, terão exercido sobre vós mesmos – sobre a vossa inteligência, a vossa sensibilidade e o vosso caráter", ou seja, "os efeitos educativos dos trabalhos manuais". (LOURENÇO FILHO, 1952, p. 1, grifos do autor). Segundo Fonseca (1929), a educação é um meio capaz de completar a formação do ser ativo. Mas o autor não se refere a qualquer educação, mas sim às propostas advindas com a escola ativa², que exteriorizam as impressões em três dimensões,

¹ Em todas as transcrições literais do documento de Lourenço Filho é preservada a escrita segundo as normas gramaticais vigentes à época.

² Uma definição de escola ativa para aquele período pode ser defendida pelo exposto por Lourenço Filho: "a escola activa é uma das manifestações da escola nova, não toda Ella. Escola nova é gênero, escola activa, espécie desse gênero [...]. Não pode ser confundida, pois, com a idéia da escola nova, muito mais ampla, muito mais completa e fecunda para a boa reflexão pedagógica". (LOURENÇO FILHO, 1930, p. 56 - 57).

cultivando os aspectos morais, intelectuais e psicológicos. E nessa escola ativa os trabalhos manuais são o meio capaz de integrar a fisiologia educativa com a prática e o hábito de realizar. É por isso os trabalhos manuais são a pedagogia da escola nova ou da escola ativa. Eles representam mais que uma inovação didática e constituem uma prática de renovação da instituição escolar, fazendo mudanças significativas no sentido da educação e na atitude de professores e alunos.

III O sentido e a amplitude educativa dos trabalhos manuais

O texto de Lourenço Filho de 1952, lidava com uma lacuna referente à didática da educação profissional ou às práticas de ensino dos professores de cultura técnica ou de oficina, como diria Francisco Montojos.

O texto flui em três movimentos cadenciados. Metade inicial da abordagem é destinada às definições conceituais. A partir do oitavo tópico Lourenço Filho realiza algumas aproximações entre a pedagogia dos trabalhos manuais e o ensino profissional, abordando a aplicabilidade. Ao final do texto Lourenço Filho volta a teorizar, articulando trabalhos manuais e formação moral.

Uma das ancoragens da pedagogia dos trabalhos manuais está nas noções de aprendizagem funcional e adaptação. Na pedagogia dos trabalhos manuais não se trata de produzir em grande quantidade, mas de produzir aprendizado, de promover "situações educativas" (LOURENÇO FILHO, 1952, p. 8). A metodologia da pedagogia moderna nomeia essas situações como "funcionais", ou seja, quando a situação solicita do indivíduo que ele use bem seus recursos de adaptação.

Funcional é a situação que responde a alguma coisa desejada, ou querida pelo próprio educando. Há uma situação desse tipo quando aquilo que fazemos corresponde a uma necessidade de adaptação. É essa a forma

natural e espontânea de aprender, e, afinal de contas, a de exercer atos integrais de inteligência. (LOURENÇO FILHO, 1952, p. 8 - 9).

No que tange à adaptação, fica clara a referência à abordagem funcionalista anglo-americana. A adaptação, nesse caso, não é referente a um processo filogenético - origem e evolução da vida - mas a um processo ontogenético. O conhecimento é encarado como um processo de modificações e adaptações ao meio que desde o nascimento ocorre em todos os seres vivos. Ou seja, verifica-se o sentido ontogenético, quando o termo evolução nos remete para o desenvolvimento do indivíduo, desde o nascimento até ao final da vida, e está ligado à adaptação individual. O conceito de adaptação também deixa de expressar uma relação de sobrevivência em um meio e passa a significar uma melhor vivência neste. Essa melhor vivência, esse equilíbrio, não se refere apenas a um meio físico, mas antes de tudo, ao meio social. Estar adaptado é estar ajustado às demandas do meio social. A adaptação do organismo a seu meio ambiente é o objeto de estudo do funcionalismo, as funções da mente e como ela é usada pelo organismo para se adaptar passaram a ser estudadas.

Lourenço Filho (1952) aponta questões identificadas com as concepções e práticas funcionalistas. Trata-se das aplicações da psicologia aos problemas do cotidiano, como as pessoas funcionavam e se adaptavam aos problemas e os resolviam, isso ficou conhecido como psicologia aplicada. Desse modo, a experiência passou a ser compreendida a partir da adaptação. Os processos mentais foram considerados como atividades que levavam a consequências práticas no mundo real. O "aprendizado funcional" refere-se justamente a isso, ou seja, estando diante de uma situação problemática real e concreta na qual o indivíduo usa seus recursos de adaptação e conhecimentos adquiridos para elaborar soluções. Aprender de forma funcional, isto é, aprender o que se deseja tendo clara a

utilidade para o que se aprende expõe, enfim, a finalidade dos trabalhos manuais tal qual sugeridos pela escola nova: promover metodologicamente e didaticamente o ensino das matérias escolares, de modo prático, em que o fazer está proposto em conjunto com o pensar, como uma via de mão dupla.

Há relação direta entre a proposta de trabalhos manuais posta em circulação por Lourenço Filho e o pragmatismo. A propósito, o pragmatismo pode ser entendido como um traço do caráter que é (ou pode) ser aprendido pelo sujeito. O positivista Auguste Comte atribuía à natureza humana algumas características inatas. Uma delas é o ativismo. Segundo Comte o homem é um ser sentimental, ativo e inteligente. Mais sentimental que ativo e mais ativo que inteligente. O homem, para Comte, não gosta da dúvida e nem de pensar, não gosta de abstração porque é dogmático por natureza e a dúvida e o pensamento paralisam a ação. Mas, na perspectiva pragmática, não há uma natureza humana voltada para o concreto, para a ação e para o útil. O *homo* não é pragmático por natureza. O que há de genérico no *homo* é a capacidade de aprender. O pragmatismo é uma mentalidade que se forma pela aprendizagem e, para que isso ocorra, é necessário o ambiente pragmático.

Na perspectiva de Lourenço Filho um dos fins da educação era a formação moral do indivíduo. Esse moralismo presente no pensamento de Lourenço Filho pode, em parte, ser herança de sua militância juvenil na Liga Nacionalista de São Paulo, cujo patrono era Olavo Bilac e cujas ênfases eram o nacionalismo, o serviço militar obrigatório, a educação primária e profissional, a educação cívica patriótica e o escotismo. Mas essa ênfase na formação moral do indivíduo não tinha no pensamento de Lourenço Filho relações com o moralismo comteano do século XIX. Comte pleiteava uma reforma moral da sociedade de sua época e, para ele, moral tinha um sentido de controle das liberdades individuais. A

ênfase de Lourenço Filho era associada à formação de valores e ao caráter individual.

O que nos aflige hoje, no mundo, não é a falta de desenvolvimento científico, ou técnico. É a deficiência de valores morais. Em elevada porcentagem, homens e mulheres não cumprem a palavra dada, não têm noção de seus próprios atos. (LOURENÇO FILHO, 1952, p. 15).

Segundo Lourenço Filho, “[...] de nada, com efeito, valem homens inteligentes e cultos, se não forem, ao mesmo tempo, dotados de qualidade de energia, de perseverança, de visão reta, de espírito inclinado à verdade, ao bem e à beleza”. (LOURENÇO FILHO, 1952, p. 15).

Os trabalhos manuais, bem propostos e orientados, oferecem a oportunidade de um entendimento vivo do que se considera um dever, inclusive consigo mesmo. Uma vez oferecido um projeto a se realizar, tendo o mesmo sendo aceito pelo aprendiz, tal fato desperta neste a noção do dever, do compromisso firmado em realizar, da responsabilidade de entrega e este seria um “compromisso de ordem moral”. (LOURENÇO FILHO, 1952, p. 15).

“Tôda a liberdade na concepção até definir-se o projeto; mas o maior rigor na execução – eis o lema que dá aos trabalhos manuais, nessa fase, um extraordinário efeito de educação moral”. (LOURENÇO FILHO, 1952, p.11). O entendimento de que deve haver uma correlação perfeita entre o que foi imaginado e projetado e o que deve ser feito, leva à compreensão do que se traduz por exatidão e do que apresenta maior significação em sentido moral: o “[...] apuramento do sentido de ordem, de harmonia, equilíbrio, boa disposição e bom gosto. O senso moral é também o senso do equilíbrio e da beleza”. (LOURENÇO FILHO, 1952, p. 15). A formação moral seria assim influenciada pela harmonia representada pelo que é produzido, pelo refinamento do gosto e pelo que é belo. Entenda-se aqui o belo como o perfeitamente exato, mesmo que produzido a partir de elementos sim-

ples ou modestos. Segundo Lourenço Filho (1952) “o ato moral é sempre belo” (LOURENÇO FILHO, 1952, p. 15), ou seja, um ato praticado de acordo com as normas comumente aceitas por aquela sociedade cujas intenções e conseqüências são assumidas por aquele que o realiza é sempre imbuído de valor.

Cabe ao professor, ciente do poder dos trabalhos manuais sobre os indivíduos, contribuir para a formação moral e social do aprendiz. Como apontou Morgan (citado por ROSLOW e WEAVER, 1949, p. 33), “[...] assim como se aprende a ser datilógrafo também se aprende a ser ladrão”, cabendo então ao professor fazer de tudo para eliminar os maus hábitos e formar seus aprendizes em bons hábitos.

Essa ênfase moralista de Lourenço Filho pode também ser atualizada como referência ao caráter, no sentido definido por Sennett (2001), que associa os processos contemporâneos de flexibilização do trabalho à efemeridade da vida, à ausência do longo prazo como referência e a corrosão do caráter. Nos trabalhos manuais o sujeito poderá desenvolver a noção de responsabilidade, a consequência dos seus atos, cumprimento da palavra dita, dever, a exatidão e o bom gosto no sentido da estética e harmonia. Além de favorecer o trabalho em grupo e a cooperação na compreensão da divisão das tarefas.

Outra relação que Lourenço Filho faz é entre a psicologia dos trabalhos manuais, a estética e a sensibilidade. No primeiro caso, ressalta a importância e beleza dos materiais construídos pelos alunos e, no segundo caso, o papel desses trabalhos sobre a sensibilidade, a inteligência e o caráter. É como se o produto final permitisse aos seus construtores se verem nele refletidos: isso possibilita uma auto percepção.

Inteligência é um conceito destacado na psicologia anglo-americana e já em 1952 Lourenço Filho preconiza a teoria das inteligências múltiplas proposta por Howard Gardner (1980), mencionando três modalidades de inteligência: a concreta ou técnica, a inteligência abstrata, verbal ou simbólica e a inteligência social que seria como lidar com as pessoas. Ressalta ainda que através dos trabalhos manuais é possível desenvolver essas inteligências ou ascender a níveis mais complexos. Exemplo é a análise do próprio material concreto feito pelo aluno, ou seja, mesmo lidando com “coisas” o aluno compreende a representação dessa “coisa”. Lourenço Filho, descartava a definição de inteligência como característica inata do sujeito e relaciona-a a uma maneira de viver, é a atitude pela qual nos comportamos frente aos problemas.

Segundo Lourenço Filho, a primeira ação a ser adotada por uma pessoa frente a uma situação problema é compreender a situação e confrontar com a bagagem interna e externa que possui no momento. Só assim, após extrair e compreender todos os dados do problema, poderá passar para o próximo passo: a formulação de hipóteses³, que significa escolher, dentre as inúmeras opções, a melhor solução para resolver o problema. No entanto, a hipótese é uma solução imaginada, pois a hipótese sem a ação não resolve o problema posto. Nessa passagem Lourenço Filho nos remete ao behaviorismo de Watson que chegou ao conceito de reflexo condicionado, que consiste em interações estímulo-resposta (ambiente-sujeito), nas quais o organismo é levado a responder a estímulos que antes não respondia.

Lourenço Filho entende os trabalhos manuais como meios para integração entre

³ Na educação anglo-americana, a experiência deve ser posta em relevo porque o ato de pensar não começa com material previamente elaborado, mas consiste na proposição de um problema por parte do professor. O ato é contínuo, o estudante imagina uma situação empírica e real que já possuia anterior à escola, depois cria hipóteses para solução do problema apresentado e só assim são testadas as hipóteses na resolução do referido problema. “Os métodos eficientes em educação são aqueles que dão alguma coisa a fazer, e, como fazer demanda reflexão e observação, o resultado é alguma coisa apreendida”. (TEIXEIRA, 2006, p. 62).

saberes e fazeres, entre saberes técnicos, saberes culturais, saberes científicos e habilidades manuais. Os trabalhos manuais são uma ferramenta de integração curricular. Lourenço Filho dá exemplos para que o trabalho manual seja realizado de forma interdisciplinar envolvendo aprendizagens como: de física (construção de aparelhos), história (construção de pirâmides) etc. Tudo baseado no sentido da lógica e precisão, pois de acordo com Lourenço Filho (1952), os trabalhos manuais carecem de muito de rigor e precisão para ficarem bem feitos, além, é claro, da criatividade.

No tocante à educação profissional, Lourenço Filho salienta que os trabalhos manuais são a melhor introdução para todos os ofícios, “[...] inclusive o ofício de pensar bem [...]”. (LOURENÇO FILHO, 1952, p. 17). Não há a necessidade, portanto, de o professor dividir os alunos nas mesmas tarefas metódicas e fatigantes de forma a mutilar o trabalho manual até torná-lo desinteressante. Os trabalhos manuais não formam para um determinado ofício, mas educam as mãos, cérebro e sentimentos.

Os trabalhos manuais, se trabalhos manuais, não devem visar a nenhuma produção nessa preparação especial para nenhum ofício, muito embora devam representar a melhor introdução para todos os ofícios, inclusive o ofício de pensar bem. Em sua verdadeira concepção os trabalhos manuais são como que em linguagem geral de ação, um resumo educativo, uma metodologia geral. Pretendem êles ser corretivo dos excessos do ensino livresco teórico, ou simplesmente verbal. (LOURENÇO FILHO, 1952, p. 17, grifos do autor).

A meta dos trabalhos manuais não se reduz ao desenvolvimento de habilidades manuais. Do mesmo modo, o resultado dos trabalhos manuais não é a coisa criada, mas o processo formativo. Isso significa que a pedagogia dos trabalhos manuais não é uma propriedade da educação profissional.

Sobre a questão dos trabalhos manuais nas fábricas, Lourenço Filho (1952) tenta desfazer a dicotomia, já posta à época,

entre formar ou não trabalhadores para desempenhar trabalhos manuais, se há máquinas que o façam. Para resolver essa equação ele afirma que não se pode confundir os dois campos: há homens de maior cultura ou inteligência completa para projetar as máquinas e outros homens, artistas manuais, que transformam a matéria prima. Esse agrupamento do homem em dois campos quase equivalentes a homens com mais cérebro e homens com mais mãos é intrigante porque ele tem a ver com a divisão social e técnica do trabalho. Mas a ênfase de Lourenço Filho não estava na defesa de sistemas escolares reprodutores da divisão social do trabalho. Lourenço Filho, identificado com a cultura anglo-americana pleiteava a valorização do trabalho manual: sem ele o projeto não se torna produto, sem ele a indústria não existiria.

IV A formação dos professores para a “boa orientação” dos trabalhos manuais

Em vários momentos Lourenço Filho (1952) enfatiza a necessidade e o valor de serem os trabalhos manuais ensinados “sob conveniente direção”, “em boas condições”, ou que sejam os trabalhos manuais “bem conduzidos”. Além disso destaca em alguns momentos características do bom professor e o valor que o mestre representa ao ensinar seus aprendizes.

Na primeira passagem Lourenço Filho (1952) propõe: “Tentemos examinar o que se passa em quem, sob boa direção, tenha aprendido a exercitar-se em trabalhos manuais” (p. 2). Em seguida questiona: “Que é que se passa, quando, sob conveniente direção, levamos uma criança ou jovem à prática dos trabalhos manuais? ... Notai que estou dizendo sob conveniente direção” (p. 2, grifos do autor).

Em outra passagem Lourenço Filho busca uma certa ontologia do docente da educação industrial que lida com trabalhos manuais.

O que convirá é compreender o tema, porque a êste curso acorrestes, não apenas para aprender a fazer, mas para aprender a ensinar. E, quando se ensina, deve-se saber para quê se ensina, e por quê se ensina, afim de saber como se deva ensinar. (LOURENÇO FILHO, 1952, p. 1 – 2, grifos do autor).

Tendo Lourenço Filho o behaviorismo como uma das bases de seu pensamento, junto ao pragmatismo, ao mencionar que "... quando se ensina, deve-se saber para quê se ensina, e por quê se ensina, afim de saber como se deva ensinar" (LOURENÇO FILHO, 1952, p. 1 – 2, grifos do autor) entende-se que o autor considera que, para o docente, é fundamental ter de forma clara quais são os objetivos do ensino e quais passos deverão ser tomados para que esse objetivo seja alcançado. Para o behaviorismo o ensino é entendido como atividade que deve preparar o aluno para o futuro, possibilitando o desenvolvimento de habilidades e a aquisição de conhecimentos sobre o mundo e sobre si mesmo, necessários à sua sobrevivência como membro da espécie, como indivíduo e como participante de uma cultura.

A educação deve valorizar a liberdade do aluno, ensinando-o a lidar eficientemente com seu ambiente e a agir por si próprio, tornando-se independente de outros que lhe digam o que deve fazer, aprendendo a alterar os fatores determinantes de seu comportamento, estabelecendo condições que fogem aos padrões pré-estabelecidos, a fim de que possa reagir a vários tipos de controles externos e a emitir respostas que são comumente caracterizadas como originais. Entretanto, para o behaviorismo, ser livre está completamente relacionado com a noção de autoconhecimento e autocontrole. Ou seja, ser livre é compreender que variáveis ambientais influenciam nosso comportamento e a possibilidade de agir sobre este mundo que nos influencia, que nos controla, de modo a nos produzir a sensação de bem-estar. (CARRARA, 2004; DOMENE, 2010).

O ambiente educacional, segundo esse

mesmo pensamento da valorização da liberdade do aluno, deveria ser pensado e organizado a fim de permitir ao aluno o desenvolvimento de um extenso repertório comportamental, que incluía diferentes comportamentos necessários para produzir efeitos sobre a realidade e sobre si mesmo. E a definição do conteúdo do ensino deve ser um trabalho coletivo, do qual participam outros profissionais, além do professor. Não obstante o professor é o responsável por saber o que pode ser ensinado no tempo estipulado e como o conteúdo deverá ser ensinado. Estando os objetivos e conteúdos claramente estipulados tanto os professores poderiam definir o seu modo de atuação em sala de aula, como os órgãos reguladores do ensino podem definir os seus programas e políticas.

E várias são as passagens em que Lourenço Filho (1952) reafirma a questão da boa orientação a ser recebida por alunos e aprendizes. Ao elaborar a noção de boa orientação, Lourenço Filho está, igualmente, definindo essencialidades do professor, ou seja, está delineando uma perspectiva de formação do professor que lida com trabalhos manuais.

E aí está porque, ao começar, eu vos dizia que, quando a alguém se proponha um trabalho manual, em boas condições, estaremos oferecendo oportunidade a êsse alguém para um ato completo de inteligência. (LOURENÇO FILHO, 1952, p. 6, grifos nossos).

O valor do mestre estará em saber seriar, antes de tudo, por êsses graus ou níveis de compreensão. E só de compreensão, no sentido comum da palavra? ... Não; também da utilidade, da beleza ou da conveniência do trabalho, do sentido real que aquilo possa representar ao espírito de aprendiz. (LOURENÇO FILHO, 1952, p. 7, grifos nossos).

O segredo do bom professor será o de saber graduar tôdas essas situações reais, e a de torná-la realmente vividas para os alunos. Só assim êles poderão organizar a própria experiência, extraíndo, de cada novo caso, elementos para a reorganização de suas capacidades operativas. (LOURENÇO FILHO, 1952, p. 8, grifos do autor).

De qualquer forma, os trabalhos manuais, quando bem conduzidos, despertam a adequação das mãos, a adequação dos instrumentos que trabalham coisas; depois,

das idéias, dos instrumentos que servem às idéias, dos livros, do cálculo, do desenho. Mais do que isso, levam a tudo integrar, em atividades organizadas, em conjuntos que ganham maior riqueza de sentido. (LOURENÇO FILHO, 1952, p. 8).

Entre 1922 e 1963, Lourenço Filho escreveu uma série de ensaios discutindo a formação do professor e a importância da prática de ensino. Neles, o autor tem preocupação com apresentar além de suas considerações, também encaminhamentos que possam contribuir com a formação do professor. A formação do professor, sem dúvidas, mereceu atenção por parte de Lourenço Filho. Dava tanta importância ao tema que chegou a afirmar

[...] há sensível diferença entre as condições do médico e as do educador. Um médico doente ainda poderá curar. Um educador ineducado mais desencaminhará que conduzirá as crianças aos objetivos que pretenda, e mesmo quando os pretenda elevados. (LOURENÇO FILHO, 2001, p. 56, grifos meus).

Em outras publicações Lourenço Filho defende que a formação do professor seja primorosa nas escolas de preparação e depois ao longo da vida. Em novembro de 1928, em conferência patrocinada pela Sociedade de Educação, em São Paulo, Lourenço Filho afirmou categoricamente que o assunto de maior interesse para ele seria “[...] o da preparação cultural dos mestres, que deve ser a melhor possível, nas escolas normais, e continuada depois pela existência toda”. (LOURENÇO FILHO, 2001, p. 17).

Essa forma de pensar e compreender a profissão, também foi demonstrada por ele, quando conduziu a reforma do ensino no estado do Ceará. Após conhecer a realidade do lugar e a precariedade da formação dos professores, cuidou dos dois pontos considerados fundamentais para ele: a reforma da Escola Normal e o curso de férias para os professores atuantes. Embora não tenha conseguido atingir todos os professores e o resultado dessa formação não

tenha sido uniforme, devido as próprias dificuldades dos professores e do estado, Nogueira (2001, p. 177), evidencia que Lourenço Filho “[...] através do curso de férias, treinou os professores do Estado, capacitando-os como membros profissionais do ensino. Desta forma, o aprendizado passou a ter melhor rendimento nos grupos escolares estaduais”.

Na aula inaugural dos cursos de aperfeiçoamento e especialização no Instituto de Educação do Rio de Janeiro em 1960, Lourenço Filho salientou a continuidade que o próprio professor deve dar à sua formação. Enfatizou que “em outros tempos bastaria à formação inicial”. (LOURENÇO FILHO, 2001, p. 107). Todavia, com o progresso, a escola exige um professor cada vez mais preparado para atuar em sala de aula. Entretanto, adverte que o aperfeiçoamento, mesmo conduzido pela administração da escola, só se concretizará se houver uma atitude positiva dos mestres em relação ao mesmo. Conclui em seu discurso que “o aperfeiçoamento dos mestres não se pode dar sem que neles exista uma atitude íntima que para isso os impulse”. (LOURENÇO FILHO, 2001, p. 115).

Embora Lourenço Filho acreditasse na formação de professores ao longo da vida parece saber também que essa formação não acontece para todos da mesma forma e ao mesmo tempo. Assim, “[...] o aperfeiçoamento não se realiza só por meio de cursos. Há professores que se aperfeiçoam sem eles; e outros há que por eles podem passar, sem grande mudança de atitudes”. (LOURENÇO FILHO, 2001, p. 109).

Todo o pensamento de Lourenço Filho acerca da docência, notadamente a formação de professores, tinha sincronia com a escola nova. Em outros termos é como se a escola tradicional secundarizasse tanto o aluno quanto o professor, em função do conteúdo e das fórmulas prontas. A escola nova vista por Lourenço Filho, orientada para a aprendizagem e

pelos trabalhos manuais, traria ao primeiro plano o professor e o aluno. Isso resultava de mudanças conceituais relativas à inteligência individual e à experiência como modo de aprendizagem.

A forma tradicional de se ensinar, ou seja, a “pedagogia tradicional” (LOURENÇO FILHO, 1952, p. 13), preocupava-se com a universalização do conhecimento. O treino intensivo, a repetição e a memorização são as formas pelas quais o professor transmite os conteúdos a seus alunos, que são passivos neste processo. Tem como objetivo a transmissão dos padrões, normas e modelos dominantes. Sua metodologia era baseada na memorização, o que contribui para uma aprendizagem mecânica, passiva e repetitiva. São observações de Lourenço Filho ao longo da palestra:

Os males da escola tradicional são principalmente êsses: os de se contentarem com uma rotina, uma degradação da inteligência, uma utilização dela pela metade, ou pela terça parte. Uma autentica situação problemática apresenta-se quando tenhamos de apelar para condições novas, em que não valham pretensas soluções já feitas, ou encaminhadas por fórmulas vãs, para respostas sem maior sentido. Nêste caso, a experiência vivida anteriormente, em cada um de nós, funciona sem maior esforço, mas muitas vezes às cegas (LOURENÇO FILHO, 1952, p. 3, grifos do autor).

Ao mencionar os erros e dificuldades da educação evidenciada pela pedagogia tradicional, como na passagem que segue, Lourenço Filho (1952) apresenta suas ideias a respeito de uma pedagogia moderna e as situações educativas que a mesma proporciona.

Reparai agora como fazem as escolas, em muitos casos, com as crianças. Se se deseja fazer aprender a pesquisa de um caminho na cidade, não se lhes diz que há guias, plantas ou outras formas de orientação, e não se lhes mostra como podem utilizar-se desses recursos de informação. Não. Apresenta-se o problema abstrato geral. A cidade tem tantos distritos administrativos, ou policiais, cujos nomes são tais e tais. E faz-se decorar... A criança, ou jovem, fatiga-se nesse exercício, não há duvida ... (LOURENÇO FILHO, 1952,

p.9).

É um lamentável equívoco de muitos professores, de muitos pais, de muitas mães. E é um equívoco da pedagogia tradicional, que apressava ou deturpava o ensino com palavras, contentando-se com o ensino verbal. Levavam –se, e, infelizmente ainda se levam muitas crianças a uma utilização prematura de nomes, de classificações, de decifrações, por simples decoração, sem que isso se fundamente na prática em experiência real, em ação funcional. (LOURENÇO FILHO, 1952, p. 13 – 14, grifos do autor).

O ensino verbal, considerado de caráter abstrato e pouco utilitário, deveria ser substituído pelo método baseado nos trabalhos manuais, cujo ensino se dava através dos fatos e das coisas.

A escola nova visava fazer da escola um espaço irradiador do progresso e do desenvolvimento nacional. O professor é tido como um orientador. A proposta era que a atividade e o fazer não são controlados, ao contrário, são simplesmente guiados e aos poucos o conhecimento é conquistado pelo próprio aluno.

Por escola nova se deve entender, hoje, um conjunto de doutrinas princípios tendentes a revêr, de um lado, os fundamentos da finalidade da educação, e de outro, as bases de aplicação científica á technica educativa. (LOURENÇO FILHO, 1930, p. 77)

Estas concepções que circulavam no Brasil tinham muito de sua fundamentação alicerçada nas ideias de John Dewey, que a partir de estudos experimentais na Escola Laboratório de Chicago, procurou definir um princípio unificador capaz de auxiliar os educadores no ensino. Este princípio unificador propunha a adoção da atitude mental, do hábito de pensar científico, pois o espírito científico está presente na própria atitude inata e espontânea da infância que é caracterizada por uma viva curiosidade, pela imaginação fértil e pelo gosto de uma investigação experimental. (DEWEY, 1959).

A concepção relativa à escola nova se firmava sob outros pressupostos e não se limitava à mudança de método, pela con-

sideração da atividade do estudante. Contemplava os novos meios – métodos – a serem empregados nas escolas, mas evidenciava também os novos fins da educação, o que implicava em “mudança de mentalidade dos que educam” (LOURENÇO FILHO, 1930, p. 8), levando em consideração não apenas aos elementos internos das escolas, mas tendo em conta os aspectos sociais e as mudanças que ocorriam na sociedade brasileira.

O ideal pedagógico de hoje é chegar à formação do espírito pela ação, pelo trato vivo das realidades. Vai longe o tempo em que se imaginava que a mente podia formar-se como que por projeção dos objetos, concepção a que correspondia o velho ensino intuitivo, as simples lições de cousas. O que nos mostra a psicologia de hoje é que o próprio pensamento normal é ação – ação reduzida, embora, ação sobre os símbolos da linguagem, que figura atos reais, mas ainda ação. (LOURENÇO FILHO, apud FONSECA, 1929, p. 6).

Nessa passagem fica evidente a singularidade que Lourenço Filho identificava na versão anglo-americana da escola nova, que aos ideais de renovação das práticas de ensino acrescentava o pragmatismo e a concepção de aprendizagem oriunda da psicologia experimental, desenvolvida nos EUA.

CONCLUSÃO

Conforme mencionado na introdução, os pontos de reflexão do artigo são referentes à circulação de ideias escolanovistas na educação profissional brasileira, às aproximações entre a psicologia da aprendizagem e a educação profissional e à pedagogia dos trabalhos manuais como referência metodológica para os professores de cultura técnica. O artigo também buscou identificar a circulação de ideias anglo-americanas e situar Lourenço Filho como um dos intelectuais pensadores da educação profissional no Brasil em um contexto de expansão da indústria e dos centros urbanos.

A análise do documento principal da

pesquisa – Psicologia dos trabalhos manuais - revelou correspondências entre o pensamento de Lourenço Filho e as referências estrangeiras da psicologia que ele fez circular em suas elaborações sobre a aprendizagem profissional. Uma destas correspondências foi encontrada durante a análise dos documentos e leituras complementares, quando foi possível observar o empenho com que Lourenço Filho se dedicou em orientar a formação de professores para a prática em sala de aula e para o domínio das competências profissionais. Uma de suas maiores preocupações era a de que os alunos tivessem oportunidades iguais em todos os lugares do país e para isso era preciso que os métodos fossem unificados e não as pessoas. E foi questionando os moldes da educação na sua própria organização social que ele via a possibilidade de melhorias da educação. Para Lourenço Filho faltava técnica e princípios racionais e científicos nas práticas escolares brasileiras da época, tanto na educação regular quanto na educação profissional.

Com os amigos Anísio Teixeira e Fernando Azevedo, junto a outros intelectuais, Lourenço Filho articulou o movimento da escola nova. Defendida filósofo anglo-americano John Dewey e pelo suíço Edouard Claparède, a escola nova era referência para Lourenço Filho.

A formação de professores para o ensino profissional considerava aspectos relacionados à aprendizagem propostos pela psicologia anglo-americana, como a organização dos meios educacionais e escolas para tornarem a aprendizagem mais eficiente. Algumas etapas do processo de aprendizagem, de acordo com a corrente psicológica anglo-americana de base funcionalista em vigor na época, eram também consideradas por Lourenço Filho e apresentadas em seus escritos. A psicologia da aprendizagem considerada por Lourenço Filho, de base funcionalista, propunha que as situações problemáticas a serem resolvidas em eventos de aprendizagem deveriam corresponder a situações práticas,

situações reais e passíveis de estarem inseridas no cotidiano dos aprendizes. Esta forma de ensino facilitaria o aprendizado, produzindo assim o que era desejado pela formação profissional da época, ou seja, o profissional capacitado para atender as demandas da sociedade industrial.

O foco da abordagem histórica realizada é os anos 1940 e 1950. Neste período o Brasil estava vivendo um momento de industrialização e crescimento econômico. Conceitos e temas advindos da psicologia anglo-americana estavam presentes na fundamentação das propostas para o ensino profissional, uma vez que necessitava de uma educação de massas e que o trabalho especializado passava a ser utilizado na indústria em desenvolvimento. Como afirmado, tratava-se de formar o profissional que iria atuar neste novo cenário. Sendo esta uma situação inédita, coube aos determinados intelectuais obterem o conhecimento para lidar com as exigências de ensino que se apresentavam: ensino sistematizado e racional, com base na experiência e vivência prática do ensino. A psicologia anglo-americana, fundamentada na base de compreensão "bio-psico-social" do indivíduo, era referência na formação do "homem completo" para atuar neste novo cenário respondendo à necessidade da utilização de instrumentos científicos de medida que garantissem a adaptação dos indivíduos a essa nova ordem capitalista de organização do trabalho, o que se manifesta tanto na indústria quanto na escola.

Em síntese, ao identificar e analisar as elaborações anglo-americanas sobre a psicologia da aprendizagem profissional que fundamentaram o desenvolvimento dos trabalhos de Lourenço Filho, especialmente abordando seu escrito de 1952, compreendeu-se que este embasamento, não apenas teórico, mas também prático expresso pela firmação do acordo entre Brasil e EUA por ocasião da CBAI, alicerçaram o fundamento de toda uma condução da psicologia relacionada à aprendizagem e a

educação no Brasil.

A psicologia anglo-americana era referência na constituição do campo educacional brasileiro como uma das ciências serviram de base para a formação de professores e para as discussões educacionais, ao mesmo tempo em que, nesse período, o campo educacional forneceu elementos fundamentais para a psicologia que serviram de base a sua constituição como campo científico reconhecido no país. Neste cenário, o pragmatismo anglo-americano se apresenta como uma visão de mundo centrada na lógica do desenvolvimento capitalista que exigia uma nova divisão técnica do trabalho, uma expansão da atuação do Estado e exigia a diversificação profissional. A proposta de base pragmática é que as técnicas arcaicas sejam substituídas pelas técnicas modernas e que sejam empenhados esforços para estabelecer novos parâmetros de racionalidade com fundamento científico. O pragmatismo destaca-se como uma visão que alia a ciência à filosofia para combater pensamentos que dificultam a nova ordem capitalista.

Especialmente em relação à experiência de formação profissional, cabe afirmar que as proposições de psicologia anglo-americanas foram usadas no Brasil para estabelecer algo novo, para sistematizar um ensino que nunca antes havia encontrado tal necessidade. A psicologia anglo-americana encontrou no Brasil um terreno fértil para sua disseminação e cumpriu um papel determinante de embasar o desenvolvimento do sistema de ensino profissional. Muitas foram as referências encontradas durante a pesquisa que apontariam para outros recortes, sejam eles de formulação de objetivos ou temporais. Isso se deve ao fato de ter, o próprio Lourenço Filho produzido uma quantidade considerável de materiais que relacionam a psicologia anglo-americana ao campo da educação, infantil e profissional.

ABSTRACT: *This article is from the scope of history of professional education and focuses on the presence of the Brazilian intellectual Manuel Bergstron Lourenço Filho in industrial education, in activities at Senai in 1952. The document researched is written by Lourenço Filho entitled "Psychology of Manual Works". The analysis of this document revealed correspondences between the thought of Lourenço Filho and the foreign references of the psychology that he circulated in elaborations on the professional learning. At a time of industrialization and economic growth in Brazil, lived a need to form the professional to act in this new scenario. As one of the responsible for the circulation of new school movement ideas in the country, Lourenço Filho dedicated himself to guiding the training of teachers for the practice in the classroom and for the domain of professional competences and also to promote the articulation between the psychology of learning, professional education and the pedagogy of manual work.*

KEY WORDS: *Professional education; Psychology of learning, manual labor, New School.*

BIBLIOGRAFIA

BOLOGNA, Ítalo. **Roberto Mange e sua obra**. São Paulo: UNIGRAF, 1980.

CARRARA, Kester. Behaviorismo, Análise do comportamento e educação. In: CARRARA, Kester. **Introdução à psicologia da educação**. São Paulo: Avercamp, 2004.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, Jan./Apr. 1991.

DEWEY, John. **Como pensamos**. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

DOMENE, Antônio Carlos. **Análise do comportamento aplicada à educação**. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Mai/2010. Disponível em: <<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/143/3/01d08t04.pdf>>. Acesso em 13 jun 2017.

FONSECA, Corinto da. **A escola ativa e os trabalhos manuais**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1929. Coleção Biblioteca de Educação.

LOBATO, Monteiro. **América**: os Estados Unidos de 1929. São Paulo: Brasiliense, 1950.

LOURENÇO FILHO Manoel Bergström. **Introdução ao estudo da Escola Nova**. São Paulo: Cia. Melhoramentos, 1930. Bibliotheca da Educação, v. XI.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. **Psicologia dos trabalhos manuais**. Palestra realizada na Escola Técnica do SENAI para os alunos do Curso de Artes Aplicadas. 1952. Acervo CPDOC / FGV - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil.

MONARCHA, Carlos; RUY LOURENÇO FILHO. (Orgs.) **Por Lourenço Filho**: uma bibliografia. Brasília: INEP/MEC, 2001. Coleção Lourenço Filho, vol.1.

MONARCHA, Carlos. **Laurenço Filho**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. Coleção Educadores.

NOGUEIRA, Raimundo Frota de Sá. **A prática pedagógica de Laurenço Filho no estado do Ceará**. Fortaleza: Edições UFC, 2001.

ROSLOW, Sidney; WEAVER, Gilbert Grimes. **Psicologia para professores do ensino industrial**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde-CBAI, 1949. Biblioteca do Ensino Industrial, v. 4.

RUY LOURENÇO FILHO. **Cronologia e biografia do professor M. B. Laurenço Filho**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Educação/Fundação Cesgranrio, 1996.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro-São Paulo: Record, 2001.

SIRINELLI, J.F. Os intelectuais, In RÉMOND, René (Org.), **Por uma história política**, Rio de Janeiro: UFRJ, 1996, p. 231-269.

TEIXEIRA, Anísio. Anotações de viagem aos Estados Unidos. In NUNES, Clarice (Org.a). **Aspectos americanos de educação e anotações de viagem aos Estados Unidos em 1927**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

WARDE, Mirian Jorge. O itinerário de formação de Laurenço Filho por descomparação. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 5, jan – jun, 2003, p. 125-167.

Submetido em: 25/02/2019

Aceito em: 24/04/2019